



ENTREVISTA

José Sarney

(72 anos, senador, presidente da República de 1985 a 1990)

— *No fim do seu governo o café vinha frio?*

— Nunca. Isso é folclore. Fim de governo é um período muito tumultuado, pela diversidade das despedidas. Três meses antes de passar a faixa decidi que não assinaria medidas relevantes. Isso me custou até ressentimentos. Há setores da administração que tentam se livrar de esqueletos, assim como é uma época propícia a todas as sugestões reclassificatórias da burocracia. É um tempo em que o presidente é procurado por pessoas que lhe propõem medidas supostamente indispensáveis, imediatas. Orgulho-me de ter sido o único presidente que deixou ao seu sucessor uma cadeira vaga no Supremo Tribunal Federal e outra no Tribunal de Contas da União. Hoje é fácil lembrar. Na época, era difícil não encontrar as pessoas que se julgavam qualificadas e desejavam um dos dois lugares. É possível que houvesse até candidato a qualquer um dos dois.

— *Esses últimos meses de governo lhe trazem más lembranças?*

— Não sou uma pessoa de más lembranças. Na manhã da saída do palácio disse à minha família: aí fora há dois grupos, um quer aplaudir Collor, o outro quer insultá-lo e ambos querem vaiar Sarney. Quando desci a rampa, puxei o lenço branco e acenei para o povo. Recebi aplausos de volta. Antonio Carlos Magalhães viu a cena e começou a chorar. Você não precisa se matar, como doutor Getúlio, mas todo presidente, quando deixa o cargo, entra um pouco para a eternidade. Por isso, olho para trás e fico feliz por ter passado os últimos meses no Planalto sem heranças a distribuir nem contas a ajustar.

— *Qual o melhor lugar para se passar os primeiros dias depois da saída do governo?*

— Só posso falar por mim. Melhor do que a Ilha do Curupu não há. Para depois do governo ou para depois de qualquer coisa.